Sons & Palavras

SOM NA CAIXA
vivências musicais

Apresentação da Formação on-line Sons e Palavras

Com o objetivo de apresentar práticas sonoro musicais que estimulem vivências por meio de jogos que utilizam palavras, canções e objetos do cotidiano, explorando conceitos como altura, pulso, andamento, timbre e intensidade. Fundamentada na pedagogia musical de educadores como Kodály, Dalcroze, Orff, Schafer, Suzuki, Small, Brito, Kulhmann, Marques e Drummond, entre outros, a formação dialoga prática e conceitos, desenvolvendo uma ação reflexiva dentro da educação musical ativa e criativa da atualidade.

A formação possibilita aos participantes customizarem seu próprio Kit 🎶 Sons & Palavras👄 utilizando objetos do cotidiano e recursos exclusivos. Também são vivenciadas, uma a uma, as práticas propostas, bem como os desdobramentos das mesmas. Sendo expostos os aportes teóricos das abordagens propostas em cada ação do Kit.

Facilitadora

Karine Teles Alves mãe de Talita, Rebeca e Luiza, educadora musical e musicoterapeuta clínica, idealizadora da proposta pedagógica musical e musicoterápica Som na Caixa Vivências Musicais, coordenadora do Espaço Som na Caixa, professora das especializações em arte educação para o ensino de música e musicoterapia no Instituto Graduale.

Atua com formação, consultoria e desenvolvimento de recursos pedagógicos musicais e musicoterápicos. Tem experiência com atendimento em musicoterapia grupal materno infantil e preventiva infantil, bem como cuidados individuais com pessoas com deficiências intelectuais, autismo, paralisia cerebral e demências em geral, e, no contexto da saúde mental.

Introdução

Para você o que é música?

Tentar definir o termo nos remete a conceitos plurais que abordam perspectivas diversas, fruto da formação e visão de mundo do indivíduo. Cada sociedade a nomeia e a reconhece segundo o seu sistema de crenças. Para o ocidente, música é um agrupamento sonoro com intenção e sentido, um grupo semântico que pode ser ouvido e reconhecido, mas na perspectiva de outras culturas ela é mais que uma codificação, ela é um comportamento, por vezes ligado a forma de organizar a vida.

A musicologia, como ciência, buscou identificar elementos estruturais e estilísticos que concebiam a música, e, o desenvolvimento dos estudos da antropologia da música distinguiram o termo música da ação de fazer música. Blancking (1966) define música como um produto do homem e o fazer musical como o processo de produção da música. O autor também reputa o termo "musicalidade" (Blacking, 1973), a capacidade inata de perceber e produzir música, independentemente de como a sociedade nomeie as estruturas sonoras produzidas.

No entanto, há uma dimensão não contemplada pelas terminologias acima que foi investigada pelo autor nova zelandês Christopher Small: a dimensão das relações.

MUSICAR: A MÚSICA COMO ENGAJAMENTO

Quando pensamos na música como um objeto específico, e, o fazer musical como um processo para a sua produção, "coisificamos" um fenômeno cujo sujeitos principais são pessoas que convivem, interagem e engajam-se. Esses sujeitos possuem suas histórias, emoções, realidades, localidade, e, se relacionam, vivenciam experiências e as expressam comunitariamente.

O músico, compositor, educador e autor de vários livros e artigos nas áreas de musicologia, sociologia da música e etnomusicologia, Christopher Small (1998), propõe que o verbo "*musicking*" seja introduzido, fundamentando ser a música um verbo / ação, não um substantivo / objeto.

Em sua obra *Musicking: the meanings of permorming and listening* (1998), Small descreve como musicar, a experiência social com a música em qualquer dimensão.

> "Músicar é participar, em qualquer capacidade, de uma performance musical, seja tocando, ouvindo, ensaiando ou praticando, fornecendo material para a performance (o que é chamado de composição) ou dançando. Às vezes, podemos até estender seu significado ao que a pessoa está fazendo, que pega os ingressos na porta ou aos homens pesados que trocam o piano e a bateria ou os *roadies* que montam os instrumentos e executam as verificações sonoras ou os limpadores que limpar depois que todo mundo se foi. Todos eles também estão contribuindo para a natureza do evento que é uma performance musical" (SMALL, 1998).

Musicar é qualquer forma de envolvimento com a música. Tocar um instrumento, ouvir uma mídia, falar sobre seu artista preferido, fazer um *download* , produzir um *show*, musica-se ao engajar-se em qualquer processo interativo ligado à produção ou vivência musical.

Ao musicar, todos os participantes exploram e celebram os relacionamentos que constituem sua identidade social, todos são agentes, musicantes, que contribuem para a produção da atividade musical.

> "O ato de musicar estabelece no lugar onde está acontecendo um conjunto de relacionamentos, e é nesses relacionamentos que reside o significado do ato. Eles devem ser encontrados não apenas entre os sons organizados que são convencionalmente considerados como sendo o material do significado musical, mas também entre as pessoas que participam, em qualquer capacidade, na performance; e modelam, ou representam como metáfora, relacionamentos ideais como os participantes da performance imaginam que sejam: relacionamentos entre pessoa e pessoa, entre indivíduo e sociedade, entre a humanidade e o mundo natural e, talvez, o mundo sobrenatural" (SMALL, 1998)

O caráter comunitária e vivencial do musicar contempla interações não-verbais. "O processo de musicar é um instrumento de socialização em todas as culturas e uma maneira pela qual exploramos, afirmamos e celebramos nossos conceitos de

relacionamentos ideais ... de uma maneira que a conversa ou a leitura nunca nos permitem fazer" (SMALL, 1998).

Para Christopher Small, a essência da música não reside nas obras musicais, ou na sua execução e performance, mas nas ações envolvidas, nas relações estabelecidas, sendo de fato um ritual através do qual os musicantes não apenas aprendem, mas experimentam diretamente. Eles se relacionam, consigo, com os outros e com o resto do mundo.

CONSIDERAÇÕES

No contexto atual de isolamento social, onde as configurações de relações e convivência passam por uma dinâmica diferenciada, experimentamos a reinvenção do ato de fazer música. A aula, o ensaio, o recital, e, as demais práticas musicais, encontram na tecnologia da informação e comunicação suporte para continuar promovendo experiências e interações sociais.

Os novos formatos encontram aporte no conceito de *musicking*, já que o *cyber* espaço e as comunidades digitais, como redes sociais, aplicativos de *meeting* e demais plataformas, são o novo território de convivência e relacionamento mediando o musicar.

Christopher Small *

Christopher Neville Charles Small (17 de março de 1927 - 7 de setembro de 2011), influenciou sucessivas gerações de estudantes, professores e musicólogos através de seus livros *Music, Society, Education* (1977), Schoenberg (1977), *Music of the Common Tongue: Survival and Celebration in African American Music* (1987) e *Musicking: The Meanings of Performing and Listening* (1998).

O caçula de três filhos de um dentista e ex-professor, Small nasceu em Palmerston North, Nova Zelândia . Seu avô materno era um regente da sociedade de corais na década de 1890, mas os pais de Christopher estavam determinados a se tornar médico. Esse plano foi frustrado pela inundação de candidatos do ex-serviço que retornavam da Segunda Guerra Mundial, então ele mudou para a zoologia. Quando obteve seu bacharelado na Universidade Otago, Small havia encontrado sua vocação como músico. Ele se mudou para a Victoria University em Wellington e se formou com um BMus em 1951.

Por vários anos, ele combinou o ensino escolar com a composição de trilhas sonoras para filmes de animação. Ele também escreveu a partitura para o *ballet Children of the Mist*, coreografado por Leigh Brewer. Em 1961, ele recebeu uma bolsa de viagem, que o levou para a Europa. Com sede em Londres, Small mergulhou no cenário cultural de vanguarda, antes de voltar a lecionar no que chamou de escola "maravilhosa" em Wembley, no noroeste de Londres. Ele ocupou um cargo na Faculdade de Educação Física Anstey, em Birmingham, em 1968, mudando-se em 1971 para a Faculdade de Educação Superior *Ealing*, hoje Universidade do Oeste de Londres.

Seu primeiro livro, a iconoclasta Música, Sociedade, Educação, tinha o subtítulo "um exame radical da função profética da música nas culturas ocidentais, orientais e africanas, com seu impacto na sociedade e seu uso na educação". Fluentemente perfurou as suposições daqueles que afirmavam o primado da música artística européia sobre todas as outras culturas musicais. Small despejou no livro todas as influências que ele absorvera da vibrante contracultura intelectual da década de 1960, notadamente as idéias de Ivan Illich sobre "desescolarização". Ele também demonstrou seu amplo entusiasmo e conhecimento de música asiática, africana e até rock, descrevendo em

detalhes líricos sua visita de 1970 ao festival *Isle of Wight*, onde a música se tornou "o centro de um ritual comunitário que englobava todas as outras experiências". .

Music, Society, Education recebeu uma calorosa recepção do musicólogo Wilfrid Mellers do Guardian e chegou em casa com jovens educadores de música da Grã-Bretanha. Uma década se passou antes da publicação do segundo livro de Small, seu favorito. A música da língua comum foi um estudo de como a música africana se tornou música afro-americana. Ele traçou os temas do livro em *This Is Who We Are*, uma série de música afro-americana transmitida pela BBC Radio 3 em 1988.

Nessa época, Small havia se aposentado do cargo em *Ealing* e se mudado para **Sitges**, perto de Barcelona, com seu parceiro, Neville Braithwaite, dançarina, cantora e trabalhadora de juventude nascida na Jamaica. O casal se casou em 2006, após mudanças na lei espanhola. Small trabalhou com coros catalães e recebeu um fluxo constante de visitantes da Europa e, cada vez mais, da América, onde reuniu seguidores após a republicação de Música, Sociedade e Educação pela *Wesleyan University Press*. Nos EUA, suas idéias ressoaram com musicólogos independentes, como Charles Keil, Robert Walser, Susan McClary e o crítico de rock do *Village Voice*, Robert Christgau .

De sua base espanhola, Small viajou para participar de atividades educacionais em conferências e reuniões mais informais. Richard Wistreich, agora professor do Royal *Northern College of Music*, participou de um evento em Londres por volta de 1990, onde Small conversou com "um pequeno grupo de curiosos músicos clássicos que incluiu nos tocar uma incrível faixa de Aretha Franklin cantando em um culto evangélico. No final da noite, nos sentimos prontos para a revolução ".

Ele manteve sua crítica radical ao status quo até o fim, observando que a observação de Tony Blair de que suas prioridades no governo eram "educação, educação, educação" se referia não ao desenvolvimento do potencial humano dos indivíduos, mas à adaptação dos alunos às "necessidades da comunidade". Estado britânico da indústria industrial e de serviços ". Sua visão igualmente inequívoca da educação musical era que ela deveria ser removida da sala de aula para uma rede de centros de música onde pessoas de todas as idades pudessem se engajar em música e dança, e onde a instrução é oferecida conforme a necessidade.

*Texto biográfico extraído do livro obituário que pode ser acessado pelo link abaixo
https://www.theguardian.com/music/2011/sep/19/christopher-small-obituary

REFERÊNCIAS

BLACKING, John. How Musical is Man? Seattle: University of Washington Press, 1973.

BLACKING, John. Process and Product in Human Society Inaugural Lecture. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1969.

SMALL, Christopher. Musicking: the meanings of performance and listening. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.
Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1lOx9nr0aHkC&oi=fnd&pg=PA1&dq=christopher+small+musicking+pdf&ots=l_av40v1oP&sig=kjXK6ePsa_f6XLDZ6HPA9kn-Ca0#v=onepage&q&f=false